

EDUCAÇÃO INFANTIL, GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA

Marcos Oliveira de Novaes ¹, Michel Silva Argolo ²

Nikole Rocha Assis ³ Matheus Armentano de Andrade ⁴

Resumo

A educação infantil vem sendo alvo de debates nos últimos anos, sobretudo quando se trata de gênero e sexualidade. A escola sempre operou enquanto um espaço de vigiar e punir aqueles/aquelas que borram a cisheteronormatividade, e atualmente, com a escalada dos ultraconservadores, ela tem se tornado cada vez mais violenta, especialmente com os que subvertem a norma. Este artigo tem como objetivo desenvolver uma análise crítica da produção científica brasileira sobre gênero e sexualidade no contexto da educação infantil a partir de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados SciELO e Portal de Periódicos CAPES. Para tanto, foram selecionados 14 artigos, os quais demonstraram haver lacunas na formação de professores, reprodução de estereótipos de gênero nas instituições e a relevância de intervenções formativas para desconstruir preconceitos. Os resultados destacam práticas pedagógicas que reforçam a cisheteronormatividade e a necessidade de repensar currículos e políticas educacionais. Este estudo demonstra a importância de um debate ampliado sobre gênero e sexualidade desde a infância, ressaltando o caráter transformador da escola na construção de uma sociedade mais justa. Portanto, este artigo visa contribuir para o fortalecimento de políticas públicas educacionais voltadas para o debate de gênero e sexualidade na educação infantil, assim como para a desconstrução de estigmas e preconceitos que ainda reverberam no ambiente escolar e se propagam por toda a sociedade.

Palavras-chave: Educação infantil; Gênero; Sexualidade.

EARLY CHILDHOOD EDUCATION, GENDER, AND SEXUALITY: A CRITICAL LITERATURE REVIEW

¹Doutorando em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Jequié. Psicólogo e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Gênero e Relações Étnico-raciais (GEPPGRER). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: marcosnovaespsi@gmail.com

²Graduando em Psicologia pela Universidade de Excelência (UNEX), membro do GEPPGRER. Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: michelpsiact@gmail.com

³Graduanda em Psicologia pela Universidade de Excelência (UNEX), membro do GEPPGRER. Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: nikolerochaassis@gmail.com

⁴Graduando em Psicologia pela Universidade de Excelência (UNEX), membro do GEPPGRER. Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: mateusarmentano@gmail.com



Abstract

Early childhood education has increasingly become a subject of debate in recent years, particularly in relation to gender and sexuality. Schools have historically operated as spaces of surveillance and punishment for those who challenge or blur cisheteronormative boundaries. In the current context of rising ultraconservatism, these institutions have become increasingly hostile, especially toward individuals who subvert normative expectations. This article aims to conduct a critical analysis of Brazilian scholarly production on gender and sexuality within early childhood education, based on an integrative literature review conducted through the SciELO and CAPES Periodicals Portal databases. Fourteen articles were selected, revealing significant gaps in teacher education, the reproduction of gender stereotypes within institutions, and the importance of formative interventions aimed at dismantling prejudice. The findings highlight pedagogical practices that reinforce cisheteronormativity and emphasize the need to rethink educational curricula and policies. This study underscores the importance of expanding the debate on gender and sexuality from early childhood, stressing the school's transformative role in building a more equitable society. Therefore, this article seeks to contribute to the strengthening of public educational policies that address gender and sexuality in early childhood education, as well as to the deconstruction of stigmas and prejudices that persist in school environments and continue to reverberate throughout society.

Keywords: Early Childhood Education; Gender; Sexuality.

EDUCACIÓN INFANTIL, GÉNERO Y SEXUALIDAD: UNA REVISIÓN CRÍTICA DE LA LITERATURA

Resumen

La educación infantil ha sido objeto de debates en los últimos años, sobre todo cuando se trata de género y sexualidad. La escuela siempre ha operado como un espacio de vigilancia y castigo hacia quienes transgreden la cisheteronormatividad y, actualmente, con el avance de los movimientos ultraconservadores, se ha vuelto cada vez más violenta, especialmente con quienes subvierten la norma. Este artículo tiene como objetivo desarrollar un análisis crítico de la producción científica brasileña sobre género y sexualidad en el contexto de la educación infantil, a partir de una revisión integradora de la literatura, realizada en las bases de datos SciELO y Portal de Periódicos CAPES. Para ello, se seleccionaron 14 artículos, los cuales evidenciaron la existencia de lagunas en la formación docente, la reproducción de estereotipos de género en las instituciones y la relevancia de las intervenciones formativas para la deconstrucción de prejuicios. Los resultados destacan prácticas pedagógicas que refuerzan la cisheteronormatividad y la necesidad de repensar los currículos y las políticas educativas. Este estudio demuestra la importancia de un debate ampliado sobre género y sexualidad desde la infancia, resaltando el carácter



transformador de la escuela en la construcción de una sociedad más justa. Por lo tanto, este artículo busca contribuir al fortalecimiento de las políticas públicas educativas orientadas al debate de género y sexualidad en la educación infantil, así como a la deconstrucción de los estigmas y prejuicios que aún reverberan en el ámbito escolar y se propagan a toda la sociedad.

Palabras clave: Educación infantil; Género; Sexualidad.

1. Introdução

A Educação Infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, não apenas no que se refere aos aspectos cognitivos e físicos, mas também nas dimensões culturais, sociais, afetivas e emocionais (Gonçalves; Mathias, 2017). Para iniciarmos o debate sobre este campo tão importante na formação dos sujeitos, é necessário retomar a história e compreender como a infância se constituiu sócio-historicamente. As concepções sobre a infância são moldadas por um processo de construção social, variando segundo os modelos dominantes em cada período histórico.

A história dedicada à compreensão da infância teve um ponto de partida crucial com a obra de Philippe Ariès, "História social da criança e da família", lançada em 1978. O autor é reconhecido como pioneiro nesse campo de pesquisa, por ter analisado como a ideia de infância foi construída durante a Idade Média e Moderna. Para ele, a infância não é entendida apenas como uma fase biológica, mas como uma construção social e histórica que ocorre ao longo do tempo (Ariès, 1981).

Na Idade Média, antes da institucionalização da educação infantil, crianças e adultos frequentavam os mesmos espaços e participavam das mesmas atividades. Não havia uma divisão territorial ou de atividades baseada na idade, nem mesmo uma concepção elaborada da infância ou uma representação distinta dessa fase da vida na sociedade medieval (Ariès, 1981).

Já na Idade Moderna, a partir do século XVII, observou-se nas classes dominantes a emergência da primeira concepção real da infância, influenciada pela percepção da dependência das crianças muito pequenas. Isso levou os adultos a se preocuparem gradualmente com as crianças como seres vulneráveis e dependentes. A palavra "infância" passou a designar a primeira fase da vida, caracterizada pela necessidade de proteção, uma definição que persiste até hoje. Antes desse período, a ciência não reconhecia a infância, pois não havia uma categorização específica para as crianças (Levin, 1997).

Assim, nesse período, a criança era considerada irracional e, portanto, incapaz de se comportar de maneira sensata no mundo. Isso resultou na primeira preocupação com a infância associada à disciplina, restringindo qualquer movimento infantil destinado ao gozo e à aprendizagem. Nesse contexto, portanto, a criança era tida como irracional, sem habilidades psicológicas para adotar comportamentos socialmente valorizados (De Mause, 1991). Desta forma, o corpo da criança foi submetido a várias formas de controle

para restringir seus movimentos e exercer autoridade sobre ela. Isso resultou em um longo período de rígida disciplina infantil.

Durkheim (1978) foi o pioneiro em estabelecer uma conexão entre a infância e a escola, que tinha por objetivo moralizar e disciplinar as crianças. Ele descreveu as crianças como sujeitos questionadores e capazes de alternar rapidamente entre diferentes estados emocionais e atividades. Para ele, o humor da criança é extremamente instável, podendo passar da raiva ao contentamento ou das lágrimas ao riso sem uma razão clara ou influência externa evidente.

Para regular os comportamentos agitados das crianças, Durkheim (1978) propôs três elementos essenciais para desenvolver a educação moral das novas gerações, visando capacitá-las a se adaptarem às normas da sociedade, da política e da economia. A saber: o espírito de disciplina (que permite à criança apreciar a vida regular e obedecer à autoridade), o espírito de abnegação (que a faz valorizar o sacrifício pelos ideais coletivos) e a autonomia da vontade (que implica em submissão esclarecida).

Na contemporaneidade as crianças não deixaram de ser vigiadas, disciplinadas e punidas. As instituições escolares continuam a esquadrihar corpos e comportamentos, sobretudo quando se trata de temáticas tidas como tabus, como gênero e sexualidade (Novaes, 2023). O reconhecimento da importância da educação infantil como espaço de construção de identidades é essencial para se trabalhar com temas sensíveis, contribuindo não apenas para a formação de sujeitos mais tolerantes e respeitosos, mas também para a promoção de uma sociedade mais justa (Gonçalves *et al.*, 2015). Para Foucault (2014, p. 144), a escola funciona como “uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”. Assim, a escola é disciplinadora, punindo quem borra as normas. A disciplina atravessa os corpos e, consequentemente, as identidades de gênero e sexualidade dos escolares.

Conforme argumenta Louro (2000, p. 9), o modelo dominante historicamente consolidado baseia-se na figura do “homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã”, uma referência que, por sua naturalização, sequer necessita ser nomeada. Esse modelo colonial cisheteronormativo também se manifesta no cotidiano escolar, onde muitas vezes se ensinam e reforçam concepções limitantes e biologizantes sobre gênero e sexualidade. Embora a escola devesse ser um espaço plural e inclusivo, ela frequentemente reproduz estruturas excludentes, como a separação binária entre “meninos” e “meninas” (Pereira; Gamas, 2021), sejam nas aulas, filas, prática de atividades, dentre outras.

Segundo Bento (2011), compreender por que a escola atua como um espaço que reforça valores dominantes exige deslocar o olhar para além do ambiente escolar e considerar os processos sociais que constroem as noções do que deve ser legitimado. Isso inclui a definição das expressões de gênero aceitas, os motivos pelos quais outras são ocultadas, e como se delineia uma sexualidade considerada “normal” na articulação entre gênero, sexualidade e reprodução das normas sociais.

Para Miskolci (2012, p. 55), a educação infelizmente, até hoje se constituiu em um conjunto de técnicas que busca fazer o Outro ser do jeito que a gente quer. E isso é realmente muito triste, autoritário, normativo e violento". Nesse contexto, torna-se imprescindível refletir acerca da formação docente e sobre o lugar social do(a) futuro(a) educador(a), seus privilégios e experiências. Afinal, como observa Louro (2015, p. 15), "o reconhecimento do 'outro', daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos".

O objetivo deste artigo é realizar uma análise crítica de estudos brasileiros existentes sobre gênero e sexualidade na educação infantil, buscando compreender suas contribuições, limitações e lacunas. Pretendemos investigar como esses estudos têm abordado questões como identidade de gênero, diversidade sexual, papel dos educadores e influência do ambiente escolar no desenvolvimento das crianças.

2. Metodologia

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, para a identificação de produções sobre gênero e sexualidade na educação infantil, entre 2019 e 2024. Optou-se por realizar uma revisão integrativa da literatura, pois é um tipo de estudo amplo que permite a identificação, análise e apresentação do conhecimento sobre um determinado tema, destacando sua importância.

A revisão integrativa representa a abordagem metodológica mais abrangente para revisões, possibilitando a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão integral do fenômeno em análise. Ela também combina informações da literatura teórica e empírica, abarcando uma ampla gama de objetivos, como definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, além de análise de questões metodológicas específicas relacionadas a um determinado tópico (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

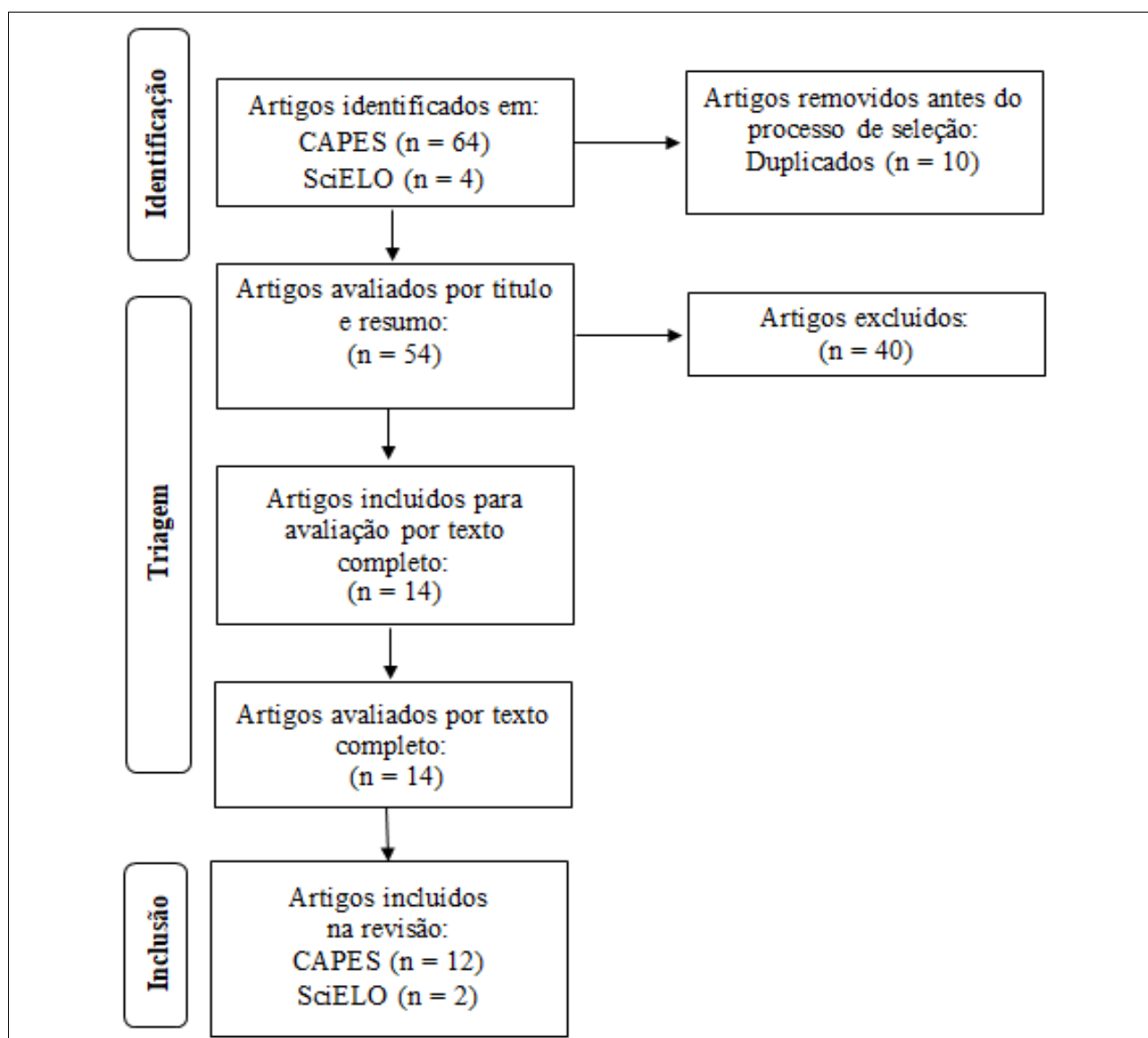
Desse modo, foram realizadas buscas nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* e no Portal de Periódicos CAPES em abril de 2024. Utilizaram-se as seguintes combinações de termos com o operador booleano *AND*: *Early childhood education AND Gender AND Sexuality*. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos completos, escritos em língua portuguesa, revisados por pares, publicados entre 2019 e 2024, que tivessem como tema central o debate de gênero e sexualidade na educação infantil.

O estudo utilizou as diretrizes do PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*). A utilização das recomendações PRISMA como guia metodológico segue as diretrizes preconizadas pela plataforma *Enhancing the Quality and Transparency of Health Research (EQUATOR)*. Os resultados das buscas serão apresentados a seguir.

3. Resultados e discussões

A busca inicial resultou em 68 textos, dez repetidos, resultando em 54 textos. Posteriormente, todos os títulos e resumos foram avaliados e 40 textos foram excluídos. Por fim, todos os artigos foram lidos na íntegra e 14 selecionados para compor esta revisão, como descrito no fluxograma abaixo (figura 1).

Figura 1: Fluxograma de seleção dos artigos.



Fonte: Fluxograma *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA, 2020) adaptado pelos autores (2025).

Os títulos, autoras/es e ano, assim como a revista de publicação dos artigos estão descritos no quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1: Títulos, autores, ano e revista de publicação.

TÍTULO	AUTORAS/ES E ANO	REVISTA
"Chamei os dois e perguntei abertamente, quem era o pai e quem era a mãe": homoparentalidade, docência e educação infantil	Morando; Souza; Santos (2020)	Revista Diversidade e Educação
A escola de educação infantil rumo a formação em sexualidade e gênero: explorando as motivações de profissionais do rio grande do sul	Blankenheim <i>et al.</i> (2021)	Revista Diversidade e Educação
Avaliação de uma intervenção formativa em sexualidade e gênero para professoras de educação infantil	Blankenheim; Pizzinato; Costa (2022)	Paidéia (Ribeirão Preto)
Enredando gênero na educação infantil: cultura visual, imagens disruptivas e prática pedagógica	Wendt; Valle (2023)	Revista APHOTEKE
Fronteiras de gênero e sexualidade na educação infantil: deslocamentos e produção de redes de vigilância	Carvalho; Silva (2022)	Horizontes
Marcas sociais de nossos tempos: gênero, sexualidade e educação em âmbito escolar	Lucifora <i>et al.</i> (2019)	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação
Menino veste azul, menina veste rosa: uma reflexão sobre as relações de gênero reforçadas na educação infantil	Sena; Fraga; Mendonça (2020)	Revista Diversidade e Educação
O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente	Crociari; Perez (2019)	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação
Questões de gênero e sexualidade nas políticas educacionais no Brasil de 1981 a 2021	Guizzo (2022)	Em Aberto
Sexualidade e gênero nas brincadeiras na educação infantil: discutindo a igualdade e respeito às diferenças	Petrenas; Riva (2024)	Revista Diversidade e Educação
Sexualidade infantil: a relação entre educação sexual e a identidade de gênero	Oliveira; Muzzeti (2020)	Revista online de Política e Gestão Educacional

Somos um imenso bordado de nós: experiências escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos	Ferreira; Souza; Botelho (2022)	Dialogia
Infâncias, gênero e sexualidades: uma investigação-intervenção com professores de educação infantil	Cólis; Souza (2020)	Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva
Construções de sentido sobre a diversidade sexual: outro olhar para a educação infantil	Ciribelli; Raserá (2019)	Psicologia: Ciência e Profissão

Fonte: organizado pelos autores (2025).

A discussão dos artigos foi subdividida em duas seções, descritas a seguir. Na primeira são apresentadas as lacunas na formação docente acerca das temáticas de gênero e sexualidade. A segunda demonstra como a escola tem se servido de uma pedagogia cisheteronormativa, reproduzindo os estereótipos de gênero.

3.1 Gênero, sexualidade e formação docente

O estudo de Blankenheim *et al.* (2021) averiguou as motivações dos profissionais da educação infantil para a capacitação em gênero e sexualidade. A pesquisa, realizada com 96 participantes, revelou dois temas centrais: a falta de conhecimento sobre essas temáticas e os desafios práticos enfrentados no contexto escolar. Os autores ressaltam a importância de capacitações para embasar atividades cotidianas, proporcionar segurança nas intervenções e proteger os direitos das crianças e famílias. Em uma intervenção formativa em gênero e sexualidade, Blankenheim, Pizzinato e Costa (2022) destacaram que, após a formação, 80% dos participantes se sentiram preparados para lidar com situações de preconceito envolvendo membros da comunidade LGBTQIAPN+¹. No entanto, apesar dos resultados positivos, os autores ressaltam que, para avaliar os impactos da formação na superação de preconceitos, ainda existentes em nossa sociedade, seria recomendado um trabalho contínuo.

A pesquisa de Crociari e Perez (2019) explorou as lacunas e desafios na formação docente em relação à educação de gênero na infância. O artigo de revisão bibliográfica destaca a construção social do gênero, as relações de poder presentes na educação infantil, a influência dos professores nas percepções binárias de gênero e a baixa presença masculina na docência infantil. Esses resultados apontam para necessidade da desconstrução dos papéis de gênero, sobretudo na formação docente.

Uma alternativa seria potencializar os debates de gênero e sexualidade na formação docente e fortalecer as políticas educacionais de inclusão. O artigo

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, pessoas Não-binárias e mais outras identidades não mencionadas.

de Guizzo (2022) examina as políticas educacionais voltadas para a inclusão de gênero e diversidade sexual nas escolas ao longo da última década. O autor destaca a importância de cursos de formação docente nessa área, como o Curso de "Gênero e Diversidade na Escola", que contribuem para a compreensão dessas categorias e corrobora para a identificação de atitudes preconceituosas dentro do ambiente escolar. No entanto, aponta desafios como a falta de inclusão desses temas nos currículos escolares e a resistência de grupos conservadores.

Certamente o conservadorismo é um grande empecilho para as discussões de gênero e sexualidade na educação infantil. A pesquisa de Morando, Souza e Santos (2020) traz à discussão a percepção das famílias, abordando a homoparentalidade em interações de um grupo virtual no *Facebook* com docentes da educação infantil. Os resultados da análise revelam que a maioria dos educadores tende a entender a família a partir de papéis tradicionais, como os de pai e mãe. Isso demonstra que a escola ainda atua como um espaço que institui verdades baseadas em um suposto destino biológico.

Assim, ressalta-se a necessidade de uma formação docente que aborde temas como corpo, gênero e sexualidade, de modo a criar condições para um espaço educacional acolhedor e inclusivo. Para isso, é necessária a participação efetiva do Estado, impulsionando e efetivando políticas de inclusão quanto aos debates de gênero e sexualidade na formação e prática educação infantil.

3.2. Menino veste azul e menina veste rosa? Desconstruindo estereótipos de gênero

O estudo de Wendt e Valle (2023) explorou o uso da cultura visual e de imagens para desafiar normas e estereótipos de gênero na educação infantil. A partir das observações realizadas, emergiram algumas falas como: "meninos não podem brincar de boneca", e "meninas não podem brincar de carrinho". Através dessas interações, as crianças compartilharam suas experiências, conhecimentos e curiosidades sobre temas relacionados ao gênero, destacando a importância de criar espaços para diálogo e reflexão, incentivando a desconstrução da normalização dos papéis de gênero.

No artigo teórico de Lucifora *et al.* (2019) é descrito como as normas binárias são impostas desde cedo, inclusive através de práticas culturais, como o "chá de revelação". Essas normas reproduzidas impedem que a escola funcione como um espaço inclusivo, reproduzindo violências simbólicas que estão enraizadas historicamente em nossa sociedade.

Da mesma forma, Sena, Fraga e Mendonça (2021) e Carvalho e Silva (2022) reforçam a ideia de que práticas pedagógicas comumente reforçam a cisheteronormatividade. A separação de brinquedos por gênero e o desencorajamento de comportamentos que fogem ao esperado, ilustram a manutenção do binarismo limitante. Por outro lado, o estudo de Petrenas e Riva (2024) sugere que a valorização do brincar livremente como forma de

aprendizado pode auxiliar na desconstrução de preconceitos. Oliveira e Muzzeti (2020), por sua vez, defendem a introdução da educação sexual desde a infância, com o envolvimento de escola, família e sociedade, para combater o preconceito de forma efetiva.

Ciribelli e Raseria (2019) argumentam que a sexualidade deve ser entendida não apenas como uma questão biológica, mas como um constructo social que é influenciado por contextos históricos e culturais. A escola, como uma instituição social, desempenha um papel crucial na formação de preconceitos e na possibilidade de desconstruí-los.

A escola muitas vezes falha em lidar com essas situações, e a discriminação persiste. O estudo de Ferreira, Souza e Botelho (2022) discute as experiências escolares de estudantes que desafiam os padrões cisheteronormativos. Destaca-se a história de Dandara, que sofreu violência física e emocional na escola devido à sua expressão de gênero. A pesquisa salienta a importância dos professores na criação de espaços acolhedores para todos os alunos, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Por fim, Cólis e Souza (2020) analisam como a educação infantil regula comportamentos através da imposição de preceitos cisheteronormativos. Dentre os achados dos pesquisadores durante o processo, verificou-se que a educação infantil serve como agente de disciplina e controle dos comportamentos e expressões das crianças, censurando quaisquer padrões não-cisheteronormativos, interferindo até mesmo na maneira delas brincarem.

4. Para não encerrar o debate

Os estudos analisados nesta revisão demonstram a importância da formação docente no que diz respeito às temáticas de gênero e sexualidade na educação infantil. Entretanto, existem barreiras a serem transpassadas, como a cisheteronormatividade que rege o comportamento das crianças, a começar pelas vestimentas e brincadeiras que são distinguidas enquanto de meninas ou de meninos.

Esse modelo disciplinador empregado pelas escolas nada mais é do que a reprodução de uma cultura conservadora, segregadora e patriarcal, que dita as regras de aceitação dos sujeitos a partir de um sistema binário, biologicista e limitante, no qual as crianças aprendem desde muito novas – de forma violenta – o que devem ser, como agir, o que vestir etc.

A escola tem um papel imprescindível na constituição de uma sociedade equitativa, na qual as diferenças sejam vistas como potencialidades e não como objetos de separação entre os sujeitos. Para tanto, o espaço escolar precisa debater as questões de gênero e sexualidade com naturalidade, uma vez que as crianças também são atravessadas por essas instâncias.

Portanto, essa revisão demonstrou como o debate de gênero e sexualidade ainda é incipiente nos espaços escolares, demonstrando a fragilidade no que se

refere à formação docente e a predominância da cultura conservadora nas escolas. Sugerimos que novos estudos – sobretudo, empíricos – sejam realizados, a fim de identificarmos outras lacunas e avançarmos nas discussões de gênero e sexualidade na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2ed. 1981.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**. 2011, v. 19, n. 2, pp. Fev. 549-559. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 28 fev. 2022.

BLANKENHEIM, Thaís *et al.* A escola de educação infantil rumo a formação em sexualidade e gênero: explorando as motivações de profissionais do Rio Grande do Sul. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 527–544, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11603>. Acesso em: 05 nov. 2024.

BLANKENHEIM, Thais, PIZZINATO, Adolfo ; COSTA, Ângelo Brandelli. Evaluation of a Formative Intervention on Sexuality and Gender for Early Childhood Education Teachers. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 32, p. e3216, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/SPDy9DsCsbpdDPdGyBryyzK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2024.

CARVALHO, Graciele Mendes de; SILVA, Zuleide Paiva da. Fronteiras de gênero e sexualidade na educação infantil: deslocamentos e produção de redes de vigilância. **Horizontes**, v. 40, n. 1, p. e022022, 2022. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1292>. Acesso em: 07 nov. 2024.

CIRIBELLI, Carlos José de Moura; RASERA, Emerson Fernando. Construções de Sentido sobre a Diversidade Sexual: Outro Olhar para a Educação Infantil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. e175599, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/pWwzQ3kfq4hXbNGtY8Y3nnM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2024.

CÓLIS, Benedito Eduardo; SOUZA, Leonardo Lemos de. Infâncias, Gênero e Sexualidades: Uma Investigação-Intervenção com Professores de Educação infantil. **Rev. latinoam. educ. inclusiva**, Santiago , v. 14, n. 1, p. 53-68, jun. 2020 . Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-73782020000100053&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 07 nov. 2024.



CROCIARI, Ariane; PEREZ, Marcia Cristina Argenti. O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp.2, p. 1556-1568, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12615>. Acesso em: 07 nov. 2024.

DE MAUSE, Lloyd. **Historia de la infância**. Madri, Alianza Universid: 1991.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FERREIRA, Jucélia Pinto; DE SOUZA, Ana Paula Abrahamian; BOTELHO, Denise Maria. Somos um imenso bordado de nós: experiências escolares que escapam dos modelos cisheteronormativos. **Dialogia**, n. 41, p. e21762, 2022.

Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/21762>. Acesso em: 07 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONÇALVES, Josiane Peres; FARIA, Adriana Horta; OLIVEIRA, Leonardo Alves de; SOARES, Pâmela Karoline. Relações de gênero e Representações Sociais relativas à atuação de homens professores de crianças. **Formação@Docente**, v. 7, n. 1, p. 36-54, jan./jun. 2015.

GONÇALVES, Josiane Peres; MATHIAS, Elizamari Lúcio Umbelino. As tecnologias como agentes de mudança nas concepções de infância: desenvolvimento ou risco para as crianças? **Horizontes**, v. 35, n. 3, p. 162-174, set./dez. 2017. Disponível em:

<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/485/251>. Acesso em: 07 nov. 2024.

GUIZZO, Bianca Salazar. Questões de gênero e sexualidade nas políticas educacionais no Brasil de 1981 a 2021. **Em Aberto**, Brasília, v. 113, pág. 1-15, 2022. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/5259>. Acesso em: 07 nov. 2024.

LEVIN, Esteban. **A Infância em Cena: Constituição do Sujeito e Desenvolvimento Psicomotor**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte. Autentica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.



LUCIFORA, Cristiane de Assis *et al.*. Marcas sociais de nossos tempos: gênero, sexualidade e educação em âmbito escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp.2, p. 1395–1409, 2019.

Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12607>. Acesso em: 07 nov. 2024.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MORANDO, André; SOUZA, Nadia Geisa Silveira de; SANTOS, Paloma Nascimento dos. "Chamei os dois e perguntei abertamente, quem era o pai e quem era a mãe": homoparentalidade, docência e educação infantil. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 452–472, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11310>. Acesso em: 01 nov. 2024.

NOVAES, Marcos Oliveira de. A escola fora do armário: por uma pedagogia e um currículo queer. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 10, n. 24, p. 265–277, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/17717>. Acesso em: 01 nov. 2024.

OLIVEIRA, Maria Fernanda Celli de; MUZZETI, Luci Regina. Sexualidade infantil: a relação entre Educação Sexual e a identidade de gênero. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp3, p. 1825–1840, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14288>. Acesso em: 07 nov. 2024.

PEREIRA, Maria José; GAMAS, Luciane Cristina. Redes sociais, masculinidade hegemônica e violência: o machismo como elemento (des) civilizacional no Brasil. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 8, n. 17, p. 215–234, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/12781>. Acesso em: 01 nov. 2024.

PETRENAS, Rita Cássia; RIVA, Geniffer Gabriela. Sexualidade e gênero nas brincadeiras na educação infantil: discutindo a igualdade e respeito às diferenças. **Diversidade e Educação**, v. 10, n. 2, p. 341–366, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/14086>. Acesso em: 07 nov. 2024.

SENA, Dalila Maite Rosa; FRAGA, Jaíne Teixeira da; MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues. Menino veste azul, menina veste rosa: uma reflexão sobre as relações de gênero reforçadas na educação infantil. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 576–594, 2021. Disponível em:



<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11569>. Acesso em: 07 nov. 2024.

SOUZA, Marcela Tavares de, SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Integrative review: what is it? How to do it?. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=en#ModalHocite>. Acesso em: 01 nov. de 2024.

WENDT, Lucas de Bárbara; VALLE, Lutiere Dalla. Enredando gênero na educação infantil: cultura visual, imagens disruptivas e prática pedagógica. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 064–083, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/24047>. Acesso em: 07 nov. 2024.

Recebido em: 05 de julho de 2025.
Aceito em: 22 de setembro de 2025.
Publicado em: 05 de janeiro de 2026.